LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: possibilidades para o ensino-aprendizagem emancipador

Maria Eneida da Silva[1]

GT3 - Estudos de Letramentos

RESUMO: Este artigo discute o objeto "letramento e formação de professores" partindo de dois momentos e espaços de construção do conhecimento, a saber, das reflexões da pesquisa de mestrado sobre multiletramento no Ensino Médio que, por meio de um estudo de caso de uma escola pública em Luziânia, Goiás, objetivou analisar as práticas de leitura e escrita para o alcance do multiletramento; bem como das discussões do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPI. Assim, com as reflexões da pesquisa de mestrado e as discussões no Grupo de Estudos acerca da formação de professores sob a perspectiva emancipadora de Freire (1996), Demo (2006), Curado Silva (2008) e Pimenta (2013) infere-se que o alcance do letramento na formação inicial ou continuada de professores pode possibilitar a desalienação, o desenvolvimento da criticidade fundamentada do (a) professor (a) para que haja reflexo na Educação Básica da emancipação do aluno antes de este ingressar na universidade. Portanto, o objetivo deste artigo é refletir como o letramento pode contribuir para a formação de professores enquanto um processo crítico-reflexivo na graduação ou após esta para que os conhecimentos saiam da universidade para o chão da escola e deste para a universidade, num devir cíclico e único; construtivo e emancipatório.

Palavras-chave: Letramento. Formação de professores. Criticidade. Emancipação.

INTRODUÇÃO

A abordagem a que se propõe este artigo tem por objeto o letramento e a formação de professores com o objetivo de refletir como o letramento pode contribuir para a formação de professores enquanto um processo crítico-reflexivo na graduação ou na formação continuada. A partir dos resultados alcançados com a pesquisa de mestrado intitulada "Leitura e escrita no Ensino Médio: demandas do multiletramento", concluída em 2016, pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual

[1] Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Professora Titular da Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora e colíder do GEGC – Grupo de Pesquisa em Educação, Gestão e Cultura Regional [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8721721988171125]. Pesquisadora do GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Realiza estudos sobre letramento e formação de professores.

de Goiás – UEG, bem como a partir das discussões e análises sobre formação de professores sob a perspectiva emancipadora infere-se que o letramento pode propiciar caminhos possíveis à emancipação de sujeitos que ensinam e que aprendem na universidade e na Educação Básica num devir cíclico e único caracterizado pela práxis no processo formativo.

A referida pesquisa de mestrado foi um estudo de caso (YIN, 2001) de abordagem qualitativa interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008) que investigou uma escola pública de Ensino Médio de Luziânia, Goiás, e cujo problema "como estavam as práticas de leitura e escrita de professores de Língua Portuguesa e gestores para atender às demandas do multiletramento?" surgiu devido aos questionamentos de nossa atuação docente na Educação Superior quando das dificuldades de letramento dos acadêmicos do Campus Luziânia da UEG. Isso determinou a escolha do *lócus* da pesquisa, a saber, uma escola pública estadual de onde se originaram 70 dos 200 alunos que estudaram em escolas públicas em Luziânia, no universo de 330 discentes matriculados no Campus da UEG entre 2011 e 2014.

O objetivo geral foi analisar as práticas de leitura e escrita de professores de Língua Portuguesa e gestores com vistas ao alcance das diversas demandas de multiletramento na contemporaneidade. Para tanto, o referencial teórico contou com os aportes teóricos de Rojo e Moura (2012); Bakhtin (1997; 2006); Rojo e Barbosa (2015); dentre outros.

Os dados foram coletados por meio de análise documental; questionário diagnóstico à diretora; observação participante de aulas de Língua Portuguesa e Redação; entrevistas semiestruturadas com gestores, professores e alunos. As análises basearam-se na teoria interpretativista, cuja triangulação dos dados permitiu responder às questões levantadas primeiramente pelas asserções, conforme orienta Bortoni-Ricardo (2008).

Assim, pôde-se perceber que as demandas atendidas estavam mais voltadas ao letramento escolar; ao atendimento às propostas mínimas do currículo proposto pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás – SEDUCE-GO; à avaliação externa da própria Secretaria de Educação; ao Exame Nacional do Ensino Médio; e aos Processos Seletivos das Universidades. Os letramentos e o multiletramento apareceram como imprescindíveis à formação dos alunos apenas nas falas dos sujeitos, sendo que as atividades propostas durante toda a pesquisa tanto pelos docentes quanto pelo grupo gestor tinham foco nas demandas dos processos avaliativos externos.

Após as conclusões da pesquisa e na busca por caminhos possíveis para possibilitar a modificação da realidade observada, ingressamos no Grupo de Estudos em Formação de

Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI) que, dentre outras questões, pôde provocar a reflexão de que o letramento na formação de professores – por meio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão – pode possibilitar a emancipação do acadêmico, tanto quanto a emancipação do aluno da Educação Básica pela viabilidade da práxis na escola. Esta poderia ser a consequência de todo um processo formativo iniciado na universidade e que perpassaria a escola pelo trabalho concreto de professores emancipados que também emancipariam seus alunos e estes, por sua vez, poderiam chegar à universidade com uma realidade diferente da que se percebe hoje.

LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTOS: construtos teóricos iniciais

Os textos construídos por meio de um sistema de sinais gráficos constituem a primeira imagem que vem à mente quando se fala em leitura (LÉVY, 1993). Ler está muito além do reconhecimento de palavras, da decodificação e da atribuição de significados, pois é produção de sentido; é nortear-se no mundo pela apropriação das linguagens que este mundo apresenta em forma verbal e não verbal. Livros, jornais e revistas são lidos; mas também são lidas obras de arte; placas de trânsito; cifras musicais; fotografias; as expressões faciais e corporais dos interlocutores; imagens multimidiáticas etc. que constituem a leitura de mundo postulada por Freire (1989).

Para tanto, a leitura de mundo é compreendida como a capacidade de percepção da realidade através dos objetos, dos sinais, dos discursos, das intenções implícitas porque aprender a ler é também aprender a lidar com o contexto, com o que não está expresso. Mesmo diante de toda a diversidade semiótica de que se dispõe para a composição textual e compreendendo que ler não está mais vinculado somente às letras, mas parte destas, o sujeito que não conseguir reconhecer as palavras, compreender o texto (e o contexto) e dominar o processo de interação leitor/texto terá dificuldades de alargar as práticas de letramento e sair da leitura puramente escolar.

Quando a apropriação da leitura e da escrita ultrapassa o ato de ler e escrever, concebe-se o letramento, grosso modo, como a capacidade de utilização destes objetos culturais para as demandas sociais. E quando os sujeitos se valem das práticas de leitura e escrita – em suportes diferenciados, em meios físicos ou virtuais – para lidar com linguagens múltiplas de aquisição e transformação de conhecimentos, alcança-se o multiletramento.

A primeira autora no Brasil, segundo Saito e Souza (2011), a utilizar o termo letramento foi Kato (1986). Os estudos mais recentes do letramento consideram a diversidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua e da linguagem em seu caráter sociocultural e situado dessas práticas e, para tanto, o vocábulo letramento passa a ser utilizado no plural – letramentos (ROJO, 2008). Por conseguinte, o sentido é ampliado para dar conta dos muitos letramentos em que os indivíduos estão envolvidos constantemente.

Devido a esse caráter de alcance das situações comunicativas e interacionais contemporâneas são requeridas aprendizagens diferenciadas e abrangentes. O que esclarece o porquê de os letramentos tornarem-se multiletramentos, visto que, de acordo com Rojo (2012), são necessárias novas ferramentas além da escrita manual e impressa como as de áudio e vídeo, tratamento de imagens e edição; e requisitadas novas práticas de produção e de análise crítica do indivíduo enquanto receptor para o funcionamento de novos textos que não são só multi, mas hiper – hipertextos, hipermídias.

Admitir que é fora da escola que o conhecimento começa e que é dentro dela que são agregados novos conhecimentos – e que são necessárias orientações acerca das potencialidades e dos benefícios tanto quanto dos malefícios que podem ser gerados a partir do uso inadequado de todo o aparato tecnológico da sociedade – é o início da mudança do pensamento de que a adequação do espaço escolar para o uso das tecnologias contemporâneas é a saída para o aperfeiçoamento da leitura e da escrita. Por que a escola precisa se adequar à sociedade e suas transformações, se a sociedade é a escola e a escola é a sociedade?

A partir de tal princípio, a escola automaticamente e espontaneamente traria incorporadas às suas práticas os gêneros que circulam livremente e fazem parte da vida de todos os atores sociais com o objetivo do desenvolvimento do senso crítico e reflexivo. Assim sendo, não haveria restrição ou valorização somente dos conhecimentos curriculares que, embora muitíssimo importantes, não são os únicos necessários para que os sujeitos alcancem o letramento e o multiletramento.

LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: reflexões necessárias

A partir dos resultados da pesquisa de mestrado, iniciaram-se reflexões quanto ao papel da escrita e da leitura na sociedade diante das constantes transformações tecnológicas que implicam uma formação adequada com vistas à leitura formativa e à consequente escrita

condizentes com uma formação crítica e ética dos sujeitos que interagem dentro e fora do ambiente escolar.

De certa forma, o alcance de letramento dos alunos ficou aquém do que se espera para essa fase da Educação Básica o que justifica o que se encontra no Campus Luziânia da UEG: acadêmicos com grande potencial de desenvolvimento crítico-reflexivo, mas com dificuldades de alcance dessa crítica por deficiências de leitura e escrita, bem como de leituras diversas.

As práticas de leitura e escrita da escola pesquisada não contribuíam para o letramento dos alunos do Ensino Médio e os motivos eram vários, mas dentre eles estaria a condição semialfabetizada dos alunos que chegavam a esse nível do ensino aliada a uma formação comprometida dos atuantes diretos no desenvolvimento cognitivo e crítico desses alunos: os professores.

Se os alunos chegam ao Ensino Médio com esse tipo de comprometimento, não é o bastante pesquisar somente esse nível educacional e sim, prioritariamente, a formação dos professores que atuarão na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, posto que o desenvolvimento cognitivo, intelectual e crítico dos alunos é iniciado na alfabetização, desenvolve-se ao longo do Ensino Fundamental, aperfeiçoa-se no Ensino Médio e atinge uma maior maturidade na Educação Superior.

Assim, acreditamos que a articulação concreta entre pesquisa, ensino e extensão na universidade pode favorecer o alcance do letramento na formação de professores, uma vez que são possíveis atividades diversas que exigem dos alunos em formação pesquisas e leituras mais elaboradas cientificamente, versatilidade acadêmica e muito estudo além da sala de aula. Ademais, precisa ser considerado que a pesquisa antecede o ensino e a extensão, permitindo a reconstrução da realidade e a consequente formação crítica e emancipadora dos sujeitos (DEMO, 2006).

Discutir o alcance do letramento tendo como base as propostas de atividades de pesquisa, ensino e extensão na graduação para na formação de professores considera, além de outras questões ideológicas e epistemológicas, as palavras de Karl Marx expressas por Cambi (1999, p. 409) quando o cientista alemão afirma que “a educação é desalienação e reconquista – na liberdade – da onilateralidade humana por parte de cada homem”. Destacam-se também as palavras de Pimenta (2013, p. 98) ao enfatizar o porquê de se pesquisar a educação, enquanto práxis social, e a formação de professores, posto que a escola é uma das instituições em que a educação acontece; é nela que os professores trabalham e está nela o espaço de se trabalhar o

conhecimento que "é um instrumento importantíssimo da construção do humano", mas que tem sido muitas vezes preterido pela certificação de um maior número possível de alunos que "terminam o curso e permanecem semi-alfabetizados[2], ou seja, sem os instrumentos necessários para realizar uma leitura crítica do mundo" (PIMENTA, 2013, p. 99).

Dessa forma, o letramento alcançado por meio das atividades de pesquisa, ensino e extensão caracteriza interações interdisciplinares que visam a formação teórica, política e prática de professores em formação inicial, pois o homem é um ser social, construído historicamente, que duvida de algo e questiona o que parece já estar estabelecido.

Para tanto, o letramento se torna imprescindível uma vez que pode favorecer a emancipação do sujeito como elemento central do processo de formação social e humana, bem como considera as contradições históricas objetivas para a construção desse sujeito crítico e emancipado para lutar contra a adaptação e o conformismo.

Assegurar o letramento na formação inicial de professores – e também na formação continuada – pode assegurar aos sujeitos aprendizes o domínio dos conhecimentos para utilizá-los em seu favor, agindo na sociedade de forma diferente com a compreensão de que dela fazem parte e nela precisam intervir de forma crítica. Isso emancipa e liberta; porque desaliena.

CONSIDERAÇÕES

A escola/universidade, por meio de todas as suas possibilidades de interlocução, o aluno experimenta um processo de ensino-aprendizagem sistematizado, mas que não pode ser engessado e nem determinante, visto que os envolvidos são sujeitos que se constroem social, política e culturalmente. Um ensino-aprendizagem de língua e, consequentemente de linguagens – também necessário a essa construção do indivíduo – conceberá a língua como um fenômeno social, uma prática de atuação interativo-discursiva, independente da cultura e diversidade linguística de seus usuários.

Nesse sentido, a função da escola/universidade não pode se restringir à transmissão de conhecimentos acumulados ao longo dos séculos de desenvolvimento e formação da sociedade. Ter acesso aos conhecimentos diversos que o mundo oferece e aprender a lidar com esses conhecimentos de maneira consciente auxilia a constituição do sujeito crítico, emancipado e não apenas "consumidor" de tudo aquilo a que está exposto cotidianamente.

[2] A escrita manteve fidelidade ao texto original da autora.

A comunicação de massa – principalmente a mídia digital e televisiva – e as redes sociais são as formas de controle social mais eficazes na contemporaneidade: pelo incentivo ao consumismo e o imediatismo que consolidam o capitalismo e garantem a alienação. Isso banaliza o conhecimento em detrimento da informação que é fugaz e descomprometida com o processo crítico-reflexivo. Cabe aos professores a responsabilidade de orientar para a aquisição de conhecimento e também para aprender a lidar com ele, pois é nesse espaço de poder intelectual chamado escola/universidade que as mentes precisam ser despertas para o que está na sociedade banalizado pelas atitudes e discursos velados.

O letramento tem o papel de fazer enxergar o que é visto e não é notado; o que está nas sutilezas do discurso, mas está latente; o que está na leveza das imagens e está escondido pela velocidade das representações; e, principalmente e prioritariamente, o que é importante e está embargado pela fugacidade do tempo: o sujeito que é único e vive a imposição do ter para ser.

Isso pode ser garantido pelo letramento/multiletramento que visa a emancipação dos sujeitos e a consequente desalienação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>. Acesso em 12 jan 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CURADO SILVA, Kátia Augusta Cordeiro Pinheiro**. (**2008). **Professores com Formação Stricto Sensu e o Desenvolvimento da Pesquisa na Educação Básica da Rede Pública de Goiânia**: realidade, entraves e possibilidades. Tese. Goiânia: UFG. Disponível em: <https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Tese_Katia_Augusta_Cordeiro.pdf>. Acesso em 10 fev 2017.

DEMO, Pedro. PESQUISA: **Princípio científico e educativo.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KATO, Mary. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. Políticas públicas, diretrizes e necessidades da educação básica e formação de professores. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria (Org.). **Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores.** Goiânia: Ceped Publicações; Gráfica e Editora América; Kelps, 2013. (91-106).

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

_____; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora. (Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica. **Linguagens e diálogos**, v. 2, n. 2, p. 109-143, 2011. Disponível em: <http://linguagensedialogos.com.br/2011.1/textos/19-art-fabiano-patricia.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015..

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.